

Unidade 6



As relações com as drogas e as diferentes abordagens

Ao final desta unidade você deverá ser capaz de:

- Diferenciar os tipos de envolvimento do indivíduo com as drogas.
- Identificar formas de abordagem dos usuários de drogas de acordo com suas consequências e contexto.

O QUE ABORDAREMOS NESTA UNIDADE?

Temática: As relações com as drogas e as diferentes abordagens

Vídeo: *Fogo na escola*

Texto:

Diferentes relações com as drogas: abordagens na adolescência

Atividades de aprendizagem:

Fórum temático

Atividade colaborativa

Exercício objetivo



Tópicos para aprofundamento

Para haver uma atuação educativa eficaz, os pais ou educadores devem identificar:

- a) O tipo de droga consumida.
- b) A relação do adolescente com a droga.
 - Ao se defrontar com uma situação de abuso de drogas, é importante oferecer ajuda e dispor-se a buscar com o adolescente o encaminhamento da situação.
 - Posturas “apavoradas” ou punitivas com adolescentes podem provocar reações que dificultam o relacionamento com os adultos e o diálogo educativo.
 - Na escola, é possível favorecer a construção de projetos de vida ao agirmos para que ela se torne um espaço de participação, realização e criação, e não de fracasso ou exclusão.



Durante esta unidade, você poderá aprofundar os seus conhecimentos sobre o assunto e refletir com seus colegas de curso e da escola, e também, com o tutor sobre os temas tratados. Aproveite para conferir o seu aprendizado realizando os exercícios objetivos disponíveis na plataforma. Realize também, de forma colaborativa, as atividades previstas. Bom trabalho!



Assista ao vídeo 6 – *Fogo na escola*

Inicie a unidade assistindo ao vídeo 6, que trata da importância de considerar os diferentes níveis de envolvimento do usuário com as drogas, ou seja, os níveis de consumo, e também da importância de analisarmos as diversas variáveis que formam o contexto em que o uso de drogas se faz presente.

Resumo do vídeo – *Fogo na escola*

No aniversário de uma colega, Nico leva bebida alcoólica para a escola numa garrafa de refrigerante. Ele bebe e passa mal, é socorrido por colegas e por um funcionário, que o carrega nos braços para ser levado a um hospital. A escola se mobiliza para resolver essa emergência. Nesse contexto, observa-se a visão preconceituosa de uma colega que não se surpreende com o fato, justificando que Nico é filho de um alcoolista. Os demais colegas contestam a falta de respeito e cobram uma postura mais humana dessa colega.

Entre os professores, o incidente com um aluno embriagado promove reflexões e dúvidas sobre a gravidade de seu envolvimento com álcool: será que Nico tem bebido com frequência? Está passando por alguma crise? O evento serve para ampliar a conscientização dos educadores sobre os padrões de consumo de drogas pelos alunos da escola como um todo.

Esses dados levam a escola a analisar o episódio, para oferecer ao aluno a ajuda necessária.

É importante identificar o grau de envolvimento do adolescente com as drogas, a fim de se avaliar o tipo de consumo (uso, abuso, dependência) e as situações de risco relativas ao contexto em que ocorre.

Para refletir



Aproveite este momento e reflita sobre as questões a seguir:

- De que maneira um professor deve agir ao tomar conhecimento de que seu aluno faz uso de drogas?
- Como sua escola tem abordado alunos que trazem drogas para a escola?

Agora leia o texto seguinte para aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto.

DIFERENTES RELAÇÕES COM AS DROGAS: ABORDAGENS NA ADOLESCÊNCIA

Helena Maria Becker Albertani



Muitas vezes, os pais ou os educadores recebem a informação de que um adolescente “está usando drogas” e, antes mesmo de saber de que tipo de uso se trata, ficam aflitos na busca de medidas a adotar.

Para atuar diante de um fato como esse, é necessário examinar cuidadosamente a situação. É preciso esclarecer de que droga se trata, em que circunstâncias e intensidade o uso é feito e qual o significado dele para o adolescente. Cigarro? Crack? Álcool? Cafeína? Inalante? Maconha?

Os efeitos de cada uma dessas substâncias são diferentes, assim como a condição e o sentido delas dentro da nossa sociedade. Generalizar como se todas as drogas e todos os usos fossem iguais não ajuda muito.

É importante considerar qual é a relação que o adolescente estabelece com a droga consumida.

Abstinência

Antes do primeiro uso, dizemos que a relação da pessoa com a substância é de **abstinência**. As pessoas não usam todas as drogas, menos ainda ao mesmo tempo. É possível ser usuário de álcool e abstinente de cocaína ou ter experimentado inalantes e nunca ter colocado um cigarro de tabaco na boca.

Ao pensarem nos objetivos de um trabalho de prevenção, muitos educadores afirmam que sua intenção é de que os adolescentes “não usem drogas”, isto é, sejam “abstinentes”, sem se referirem a uma situação específica. Essa postura, além de irrealista, revela a posição de que qualquer consumo de qualquer droga é prejudicial.

Na realidade, em razão da fase de desenvolvimento físico e emocional dos adolescentes, não é descabido dizer que o ideal é que, em princípio, eles não façam uso de drogas. Mas, se o uso de álcool, tabaco ou qualquer das drogas ilícitas pode gerar problemas nessa etapa da vida, também é verdade que essa postura radical excluiria o consumo moderado de café, de alguns refrigerantes e mesmo de certos medicamentos, prescritos por médicos.

A experiência mostra que, quanto mais cedo uma pessoa começa a usar drogas, mais possibilidades tem de ter problemas com elas. Por essa razão, constitui um ganho significativo evitar o consumo pelos adolescentes e procurar retardar ao máximo o início do uso, ou seja, retardar a experimentação.

Apesar disso, devemos reconhecer e considerar que, de fato, o uso de algumas drogas já faz parte da vida de muitos adolescentes e, por esse motivo, é preciso encarar a situação de frente. Mesmo os jovens que revelam um consumo experimental e recreativo precisam receber orientação para que reflitam sobre as consequências desse comportamento e procurem reduzir os riscos e danos a ele associados.

Adolescência: curiosidades e experiências com drogas

São próprias dessa fase a busca de identidade e a curiosidade, que incluem a realização de múltiplas experiências. As ações para alcançar esses objetivos não têm, em geral, a intenção de adotar um comportamento, mas de viver uma situação para conhecer, sentir e integrar-se. E isso também ocorre com o consumo de substâncias psicotrópicas. Um jovem não se torna “usuário” de uma determinada droga de uma hora para outra. Existe um momento de **experimentação**, que pode ou não dar origem ao uso sistemático.

Evidentemente, nenhuma pessoa pode realizar todas as experiências que deseja unicamente para testar sua capacidade, seu gosto ou seus limites. Entretanto, muitos comportamentos dos jovens, vistos como sinal de rebeldia ou até como problemáticos, são manifestações de uma fase pela qual estão passando, dentro de um contexto histórico.

A grande maioria dos jovens que, em algum momento, faz uso de determinadas drogas não passa ao uso frequente ou abusivo.

Pesquisa realizada entre estudantes universitários, por exemplo, revelou que cerca de 28% deles haviam usado inalantes, pelo menos uma vez na vida, e 1% passou ao uso frequente. No caso da maconha, em que o uso experimental foi de 20%, o uso frequente ficava em 2%.

O uso esporádico também acarreta riscos, mas a experimentação não é um caminho determinante de uso contínuo ou abusivo. Posturas “apavoradas” ou punitivas com adolescentes podem provocar reações de oposição, rebeldia ou agressividade que dificultam o relacionamento com os adultos e o diálogo educativo.

Convém lembrar, entretanto, que, em certas situações, um único uso de uma droga pode ter consequências prejudiciais. O uso mesmo experimental de um inalante ou solvente, por exemplo, pode causar parada cardíaca em quem esteja usando a substância pela primeira vez.

A experiência de consumo de uma droga pode levar ao desejo de repeti-la com alguma periodicidade – **uso esporádico**, ou com frequência – **uso frequente**. Essas situações podem não trazer um problema, mas não são isentas de riscos. Um clássico exemplo disso ocorre quando a pessoa, após algumas experiências com bebidas, passa a ter um consumo moderado de álcool, em quantidades toleráveis, dentro de condições seguras como beber apenas em ocasiões sociais, alimentar-se antes de beber, não dirigir sob o efeito da bebida, evitar brigas e agressões etc.

Situações de risco

Os riscos maiores ou menores do uso de uma substância dependem, além do contexto em que ela está sendo consumida, das características da pessoa e da própria droga.

Uma pessoa com problemas respiratórios, por exemplo, pode ter problemas de saúde mais acentuados com o cigarro, enquanto aquele que está atravessando um momento difícil de vida (perda de um ente querido, rompimento de uma relação amorosa, insucesso num empreendimento), e decide beber para “esquecer”, pode sofrer efeitos mais intensos e danos maiores com doses antes seguras de bebida. Alguém, por exemplo, que está comemorando uma conquista muito significativa pode estar tão eufórico que não mede a quantidade que bebe e assume outros comportamentos de risco como andar distraidamente pela rua ou participar de discussões ou brigas.

Diversidade de problemas

Os problemas decorrentes do uso dependem também do tipo de droga consumida. Algumas drogas produzem prazer intenso e passageiro como o crack, por exemplo, e isso pode levar a pessoa a repetir mais rápido ou frequentemente o uso. Aquelas proibidas por lei, como a maconha, trazem a possibilidade de problemas com a polícia. Há as vendidas quase sem nenhum controle, como o cigarro, o que favorece o consumo exagerado. Há ainda aquelas que dependem do tráfico e acarretam o risco de envolvimento com a violência.

Delimitação dos estágios de consumo

As fronteiras entre cada estágio de consumo não são tão claramente definidas e a sequência de uma para outra não é algo inevitável nem irreversível.

O uso não problemático pode, portanto, tornar-se **abuso (ou uso inadequado)**, conforme a pessoa, a droga ou a ocasião. Uma pessoa que usou exageradamente e teve problemas com uma determinada substância pode perceber os riscos (ou ser alertada) e diminuir seu consumo a índices adequados ou mesmo tornar-se abstinente.



Abordagem adequada: oferecer ajuda

Ao se defrontar com uma situação de abuso de drogas, a pior forma de abordagem é o confronto e o sermão. Qualquer pessoa, especialmente um adolescente, precisa estar motivado para mudar seus comportamentos.

Ignorar o problema, tentar diminuir as consequências dele ou não demonstrar preocupação não ajudam a pessoa a perceber os riscos que corre ou os danos que sofre com o consumo inadequado de uma substância. Além de expressar preocupação com os efeitos prejudiciais que já estão ocorrendo, é importante oferecer ajuda e dispor-se a buscar com a pessoa o encaminhamento da situação.

O que é dependência?

O uso abusivo não significa necessariamente a **dependência**. Caracteriza-se a dependência pela dificuldade de a pessoa parar ou diminuir o consumo pela simples decisão própria, sem o recurso de ajuda externa, seja de um especialista, de um medicamento ou de outras pessoas.

A dependência inclui fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos e leva o indivíduo a dar prioridade ao uso da droga em detrimento de outros comportamentos que antes tinham maior valor. Uma das características centrais da dependência é a “fissura” ou o desejo irresistível de consumir a substância.

A pessoa não se torna dependente de uma hora para outra. Existe um processo entre os diferentes níveis de consumo, no qual é possível transitar de um lado para o outro, voltar a níveis anteriores, estacionar em algum, recair, retroceder e avançar.

Síndrome de dependência

Muitas vezes, ao serem apontados ao adolescente os riscos que corre em razão do uso de alguma droga, ele reage afirmando que “não tem problema porque não é dependente”.

De fato, a grande maioria dos adolescentes e mesmo dos adultos que consomem alguma substância psicotrópica não é dependente dela. Isso não significa, no entanto, que esse uso não esteja causando problemas para a sua saúde física ou mental ou para a sua vida em sociedade.

É necessário avaliar as consequências de qualquer uso de drogas.

A identificação da dependência está atrelada a uma gama de fatores que se revela mediante alguns comportamentos a serem observados em seu conjunto. Por essa razão, em vez de se falar da dependência de drogas como uma doença, adotamos a referência à “**síndrome de dependência**”, ou seja, **um conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após o repetido consumo de uma substância psicoativa.**

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, considera-se dependente de uma droga a pessoa que apresenta três ou mais das seguintes manifestações:

- forte desejo de consumir a droga;
- dificuldade de controlar o consumo (por exemplo, quanto à hora em que começa ou para de fazê-lo, quanto à quantidade etc.);
- utilização persistente da droga apesar das suas consequências prejudiciais;
- maior prioridade dada ao uso da droga em detrimento de outras atividades ou obrigações;
- aumento da tolerância à droga (necessidade de doses cada vez maiores para obter o mesmo efeito);
- síndrome de abstinência (sintomas corporais como dores, tremores ou outros, que ocorrem quando o consumo da droga é interrompido ou diminuído).

Durante muito tempo, a dependência de álcool ou de outras drogas foi considerada dentro de uma visão moralista segundo a qual a pessoa se tornava dependente por falta de caráter.

Hoje, admite-se que o desenvolvimento da dependência inclui fatores biológicos, psicológicos, comportamentais, culturais, sociais, enfim, passou-se a perceber o caráter multidisciplinar e complexo da síndrome de dependência.

Com base nessa concepção, o dependente pode ser visto como alguém que necessita de ajuda e a quem deve ser disponibilizada uma rede de serviços que proporcionem sua recuperação e sua reinserção social, caso esteja se afastando de suas relações sociais significativas.

Uso de drogas e o contexto social

Teorias mais recentes ampliam o foco do indivíduo para o contexto de suas relações. Nessa perspectiva, é importante considerar a qualidade das relações que a pessoa estabelece nos diferentes domínios da vida, como a família, a escola, o trabalho e a comunidade.

Os fatores de risco e de proteção do uso indevido de drogas estão presentes em todos esses ambientes e, por isso, o dependente de drogas ou o usuário que está encontrando problemas deve ser visto na sua interação com eles e o seu tratamento deve buscar a formação de uma rede de apoio que coloque diferentes profissionais em conexão.

Aqueles que têm a intenção de interferir no uso de drogas dos adolescentes, seja prevenindo que o comportamento se instale, seja diminuindo-o ou eliminando-o, precisam ter uma visão ampla da situação.

O uso de drogas não é um fenômeno individual, nem uma decisão pessoal isolada de um contexto social. Ao longo da história da humanidade, o uso de substâncias que alteram a consciência esteve e está presente praticamente em todas as sociedades.

Além dos fatores sociais amplos, as decisões individuais também são influenciadas por fatores internos e experiências relacionais com a família, com os pares, com a escola e com a comunidade mais próxima.

Numa dimensão mais ampla, as condições sociais como o desemprego, a discriminação, o empobrecimento, a violência, assim como a disponibilidade de acesso às drogas são fatores importantes na configuração do abuso de drogas.

Vulnerabilidade do adolescente

Além dos fatores que acabamos de apresentar, existem aspectos pessoais e vivenciais que tornam o adolescente mais vulnerável a envolver-se em comportamentos de risco:

- baixa autoestima;
- falta de autoconfiança;
- dificuldade de tomar decisões;
- fatores biológicos;
- conflitos familiares e violência doméstica;
- fracasso ou exclusão escolar;
- regras e sanções ambíguas ou inconsistentes na família ou na escola;
- falta de vínculos afetivos com a comunidade;
- falta de consciência dos efeitos das drogas;
- ausência de participação social e de um projeto de vida.

Muitas crianças e adolescentes sofrem discriminações, violências diversas, exclusão escolar, incompreensão e abandono. Isso pode ocorrer em qualquer situação socioeconômica em que eles se encontrem.

O que leva alguém a enfrentar essas situações de uma forma mais destrutiva ou construtiva, muitas vezes, está em pequenas (ou grandes) coisas que fazem a diferença.

Prevenção: condições favoráveis

Uma pesquisa sistemática analisou crianças de diferentes extratos sociais e etnias, expostas a significativas adversidades e estresse nas suas vidas, que conseguiram evitar padrões de fracasso escolar, abuso de drogas e delinquência juvenil.

Identificaram-se os seguintes “fatores-chave”, que estavam presentes na vida dessas crianças:

- relacionamento afetivo fortalecido com ao menos um adulto significativo;
- comunicação consistentemente clara de altas expectativas para a criança;
- oportunidades para participar e contribuir significativamente para o seu meio social.

A prevenção do uso de drogas não é uma questão unicamente individual e não existem soluções mágicas ou “certas”, mas esses três fatores revelam condições favoráveis à realização de escolhas saudáveis e realizadoras por crianças e adolescentes e têm como consequência a possível diminuição da adoção de comportamentos arriscados.

Escola, espaço de construção de projeto de vida

As relações das pessoas com as drogas são muito variadas. Nem todo usuário é alguém problemático que precisa de um tratamento. Convém admitir, no entanto, que, muitas vezes, alterar as condições de vida é a única maneira de reverter o consumo abusivo. Exemplo disso é o uso de inalantes entre as crianças em situação de rua para aplacar a fome.

Na escola, é possível favorecer a construção de projetos de vida, ao interferirmos pontualmente naquilo que está ao nosso alcance como criar condições para que a escola se torne um espaço de participação, realização e criação, e não de fracasso ou exclusão. Cabe à escola oferecer situações instigantes como parte de seu processo educativo que respondam às necessidades e motivações do adolescente.

Considerações finais

A forma de abordar e discutir a questão do uso de droga com um adolescente será tanto mais eficaz quanto mais estiver relacionada com a avaliação do nível de consumo em que ele se encontra e com a avaliação das motivações e das condições do uso.

De qualquer forma, é importante que a abordagem se faça em um clima tranquilo, sem acusações ou preconceitos e se paute no diálogo e na reflexão sobre o significado do uso da droga, as consequências que ela provoca e a possibilidade da adoção de comportamentos favoráveis a uma vida saudável.

Referências

ALBERTANI, H. M. B. Usos, motivos, abordagens. In: FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. *Tá na roda* – uma conversa sobre drogas. São Paulo: SEE-SP, 2003.

CARLINI, Beatriz. *Drogas: Mitos e verdades*. São Paulo: Ática, 1997.

KRAUS, D. *Best Practices in Substance Abuse Prevention*. New Orleans: Xerox, 2000.

MEDINA, M. G.; SANTOS, D. N.; ALMEIDA FILHO, N. Epidemiologia do Consumo de Substâncias Psicoativas. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO JR., A. *Dependência de Drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 161-179.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* – CID 10. São Paulo: EDUSP, 1995.

SEIBEL, S. Conceitos Básicos e Classificação Geral das Substâncias Psicoativas. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO JR., A. *Dependência de Drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 1-6.